

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal

Class.: 26

Data 17 de fevereiro de 1989

Pg.: \_\_\_\_\_



Luis Borges explica: a coleção de idiomas indígenas é grande — e urgente.

## Guardando a língua antes que o povo acabe

Uma coleção de línguas? O termo pode ser até impróprio, mas os estudos feitos pelos pesquisadores do Museu Emílio Goeldi, colocam a Amazônia como a área que concentra 80% dos pelos menos 170 idiomas indígenas diferentes existentes no Brasil inteiro: Uma boa coleção que tende a ficar cada vez maior, mesmo com gradual extinção dos povos.

A coletânea se encontra guardada em fitas cassetes que os pesquisadores utilizam para fazer o desmembramento de seus estudos de lingüística, procurando, através de um processamento padrão, identificar os sons, as formas gramaticais e a organização frasal, como explica o lingüista e assistente de pesquisa do departamento de Ciências Humanas do Goeldi, Luís Borges.

A equipe do Goeldi, encarregada desses estudos, é formada por 4 pesquisadores, que se distribuem em diferentes áreas. Cândida Mendes atua na análise crítica da produção lingüística,

Antônio Maciel com o português regional e Luís Borges e Denny Moore, que atuam nas áreas de Alto Rio Negro e Sul de Rondônia, respectivamente. Com esse trabalho conseguiram descobrir a existência de 5 troncos comuns de idiomas, de onde derivam outras que são: Tupi, Macro-jê, Aruak, Karibe e Pano.

O dinamismo social, porém, se encarrega de tornar os estudos intermináveis, dando margem para muitas observações que se verificam tão logo há um aprofundamento nos costumes da comunidade estudada.

A riqueza cultural encontrada, coloca o pesquisador à frente com fenômenos fonéticos próprios, que contribuem para modificar certas teorias lingüísticas sobre as possibilidades da língua humana. Verificam-se sons diferentes, nunca observados, nas mais diversas formas de expressão humana. É o caso do Pirahã, um idioma em que se produz sons,

projetando-se a língua para fora, exageradamente. "Muitos teóricos fazem generalizações a partir de uns poucos estudos, que não refletem a realidade. A importância dos estudos feitos com as comunidades indígenas está justamente no fato de que eles modificam essas teorias", explica Luís.

Os fenômenos não param por aí. As formas de se construir frases, de emitir sons, etc, são inúmeros fenômenos que tornam os estudos cada vez mais profundos. O Hixkaryana, por exemplo, tem uma estrutura sintática muito peculiar. E para se ter uma idéia da quantidade de peculiaridade, basta citar as línguas tipicamente indígenas, que fazem parte da riqueza cultural tão desperdiçada pela civilização: Parakanã, kaiaipó, Gavião — esta língua apresenta duas modalidades diferentes, o Gê e o Tupi — Guajajara, Apalai, Macuxi, Yanomani, Ticuna, Tukano e muitas,

outras. "Não há razão para não convivermos com a multiplicidade de lingüística. É sim uma razão para preservarmos as nossas comunidades, que só tendem a nos enriquecer", adverte Luís, lembrando a Suíça, que possui 4 línguas oficiais e ainda convive com muitos que têm dialetos.

Luís Borges estuda, especialmente, o Nheengatu, que até o século XIX, era a língua falada na Amazônia pelos índios, brancos e negros, daí sua importância histórica. Assim como o Nheengatu, muitas outras línguas vão desaparecendo, o que sempre é má notícia para quem lida com o assunto. Luís consegue identificar dois processos de extermínio lingüístico: um que é a redução do grupo a uns poucos elementos, o que determina conjuntamente o fim do grupo e sua identidade cultural; outro, que é o processo de integração cultural, com os grupos levados a aprender o português para poder sobreviver.